

## O CONCEITO DE REFORMA INTELECTUAL E MORAL EM GRAMSCI, INFLUÊNCIA CROCEANA DO CONCEITO DE CULTURA E CRISE OCIDENTAL.

ANA MARIA SAID<sup>1</sup>

### RESUMO

Nos *Cadernos do cárcere*, Gramsci propõe que os marxistas se esforçassem no trabalho de elaborar um vasto e aprofundado *Anti-Croce* (nos moldes do *Anti-Dühring*, de Engels), o que até os dias atuais não se realizou. Em sua época, Gramsci fundava esse programa convencido de que havia possibilidade de remediar o crescente empobrecimento do marxismo, através de um diálogo fecundo com a filosofia de Croce.

Gramsci pensava em um diálogo crítico com a obra de Croce que permitiria retomar os grandes temas de seu pensamento, marginais ou ausentes na reflexão marxista de então, traduzindo da linguagem idealista e especulativa para a linguagem realista e concreta da filosofia da praxis (materialismo histórico). O horizonte intelectual de Gramsci era a tal ponto marcado pela potente influência de Croce, que ele não exitava em ver nesse último o verdadeiro continuador da filosofia clássica alemã na época contemporânea.

Nesse sentido, o conceito de reforma intelectual e moral croceano será analisado por Gramsci à luz do materialismo histórico, do conceito de cultura e de crise orgânica elaborados a partir de sua filosofia marxista.

Palavras-chave: Gramsci - Croce - Política

---

<sup>1</sup> Profa. Dra.do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, no programa de pós-graduação de Filosofia, na área de Filosofia Política.

Nos *Cadernos do cárcere*, Gramsci propõe que os marxistas se esforçassem no trabalho de elaborar, dedicando, se necessário, a tal tarefa, dez anos de pesquisa, um vasto e aprofundado *Anti-Croce* (nos moldes do *Anti-Dühring*, de Engels), o que até os dias atuais não se realizou. Em sua época, Gramsci fundava esse programa convencido de que havia possibilidade de remediar o crescente empobrecimento do marxismo, resultado da vulgarização e da dogmatização desse pensamento naquele momento (por volta de 1935), através de um diálogo fecundo com a filosofia de Croce.

Gramsci pensava em um diálogo crítico com a obra de Croce que permitiria retomar os grandes temas de seu pensamento, marginais ou ausentes na reflexão marxista de então, traduzindo da linguagem idealista e especulativa para a linguagem realista e concreta da filosofia da praxis (materialismo histórico).

São palavras de Gramsci:

E é assim: é necessário refazer para a concepção filosófica de Croce a mesma redução que os primeiros teóricos da filosofia da práxis fizeram com a concepção hegeliana. É esse o único modo historicamente fecundo de determinar uma retomada adequada da filosofia da práxis (...). (Gramsci, 1975 – pág. 1233)

O horizonte intelectual de Gramsci era a tal ponto marcado pela potente influência de Croce, que ele não existava em ver nesse último o verdadeiro continuador da filosofia clássica alemã na época contemporânea:

È preciso que a herança da filosofia clássica alemã seja não somente inventariada, mas tornada como vida operante e, por isso é necessário fazer as contas com a filosofia de Croce, isto é, para nós italianos sermos herdeiros da filosofia clássica alemã, significa sermos herdeiros da filosofia crociana, que representa o momento mundial hodierno da filosofia clássica alemã. (idem, págs. 1233 e 1234)

Gramsci, insistentemente, retorna em mais de uma ocasião, nas suas notas sobre Croce, sobre a idéia que a filosofia desse último tenha se beneficiado, na sua mesma gênese, da influência fecunda do materialismo histórico. Gramsci refere-se em particular à migração, aberta ou dissimulada, de determinados conceitos do

materialismo histórico na estrutura da filosofia de Croce, transfigurando-os e sublimando tais motivos através da linguagem do idealismo especulativo.

É por isso que parece que Gramsci vê a filosofia de Croce como um instrumento muito eficaz para neutralizar e corrigir o reducionismo do marxismo vulgar, tendo como convicção que “*Croce traduziu em linguagem especulativa as aquisições progressivas da filosofia da praxis e nesta tradução está o melhor de seu pensamento*”. (Gramsci, 1975, pág. 1271)<sup>2</sup>

No início do século XX havia uma ambigüidade na interpretação dos fatos históricos que derivava da perspectiva teórica que orientava as teses marxistas. Com uma multiplicidade de programas teóricos, encontravam-se tanto os que propugnavam a justificação dos acontecimentos históricos nas teses centrais do marxismo, como aqueles que, por outro lado, justificavam as suas refutações. Essas correções e revisões podem ser divididas em duas tendências: a dogmática e a idealista.

Benedetto Croce é importante líder do revisionismo idealista, tendência que afirmava a relevância dos ideais ético-políticos no desenvolvimento histórico

Gramsci, ao debater com o pensamento de Croce, apreende com clareza os motivos que o levaram a aderir ao revisionismo idealista. Croce afirma que a filosofia deve ocupar-se dos problemas propostos pelo devir histórico, que filosofia e história não se separam. Estabelecendo como objeto de sua filosofia os problemas históricos, pois teoria da história e teoria estética estão estreitamente ligadas, Benedetto Croce, com sua filosofia política, visa à manutenção da hegemonia da classe dominante.

Quando Croce propõe a “religião da liberdade”<sup>3</sup>, restringe a idéia de liberdade às classes dirigentes, aos sujeitos individuais, não percebendo, segundo Gramsci, que, internamente às sociedades de massa, torna-se necessário alargar o horizonte da intervenção dos sujeitos que combatem pela “religião da liberdade”, mudando os lugares e as formas de ação libertadora. Não cabe a uma elite a luta contra o que Croce chama de “nihilismo de massa”, mas deve depender de uma nova moral de massa, para uma nova cultura.

Enquanto Croce defendia uma visão idealista da história e da cultura, Gramsci retoma a proposta de Marx de superação das lutas sociais, estabelecendo a história como desenvolvimento das forças que produzem a vida material dos homens e que são

<sup>2</sup> Cf. Nicolas Tertulian, Gramsci, l'Anti-Croce e la filosofia de Lukács in Biaggio Muscatello (org.), Gramsci e il marxismo contemporaneo, Roma, Ed. Riuniti, 1990.

<sup>3</sup> Croce, na *Storia d'Europa nel secolo decimonono*, Laterza, Bari, 1965, pág. 20, define religião como a unidade de uma “concepção da realidade” e de uma “ética conforme”.

produzidas por eles, pensando uma nova estratégia para chegar a uma “nuova civiltà”, que se oponha e supere a “civiltà capitalista”.

Mas, os problemas teóricos desenvolvidos pela Filosofia do Espírito croceana, impelem Gramsci a pensar, através do materialismo histórico, as principais questões suscitadas pela crise orgânica do capitalismo de sua época. Há um diálogo profundo entre a obra croceana e a gramsciana, e é o que gostaríamos de aprofundar para uma compreensão crítica do mundo atual.

Croce analisa a “crise de civiltà” em que vive a Europa de seu tempo, propondo que caberia aos intelectuais criar uma “nuova civiltà”, porque essa é uma crise de cultura, que somente com uma nova filosofia e com a criatividade poderá ser resolvida. Somente a elite possui os intelectuais capazes de realizar uma reforma intelectual e moral, argumenta, embora o “vulgo” não possa deixar de participar dessa mudança, mas o faz passivamente.

As razões teóricas da filosofia política de Croce colocam-nos frente a um liberalismo de tipo novo, liberalismo metodológico, o qual nos fornece os instrumentos para compreendermos a realidade política dos nossos tempos.

A leitura dos textos marxianos continua presente em seu liberalismo. No Prefácio à terceira edição de *Materialismo storico ed economia marxista*, em 1917, escreveu sobre Marx:

E, para além da admiração, o conservaremos, nós que éramos naquele momento jovens, nós que fomos seus discípulos, - ainda a nossa gratidão, por haver nos tornado insensíveis à alcinesa sedução (Alcina, a decrépita bruxa desdentada, que fingia o semblante de florida jovem) através da Deusa Justiça e da Deusa Humanidade. (Croce, 1961, pág.XIV)

Croce, em uma entrevista à “New Republic”, de agosto de 1937, sobre o totalitarismo, que segundo ele não tem mais a forma nem da teocracia ou da oligarquia do passado, define seu liberalismo:

O liberalismo é, ao mesmo tempo, amigo e adversário da democracia, quando essa tende a substituir o número da quantidade pela qualidade, porque sabe que, assim fazendo, a democracia prepara a demagogia e, sem querer, as ditaduras e as tiranias, destruindo a si mesma. (Croce, 1951)

Há, para ele, uma preocupação com a possibilidade da democracia descambar, como a americana, em ditadura da maioria. Coloca-se na tradição que vem de Tocqueville à Ortega de *A rebelião das massas* e à Hannah Arendt de *As origens do totalitarismo*.

Ele tem uma posição crítica quanto ao Iluminismo, que pode terminar como ditadura da maioria, e que pode levar ao autoritarismo, ao totalitarismo. Como já afirmamos acima, ele não perde de vista o realismo político, que deriva dos iniciais estudos sobre o marxismo. Sua posição política remonta às raízes, seja do liberalismo clássico, assim como do pensamento político revolucionário. O que, para ele, não seria uma contradição mas, defesa da liberdade.

A Filosofia de Croce é anti-totalitária porque se funda sobre três conceitos fundamentais: a lógica das distinções categoriais, a dialética dos opostos, e juízo como juízo histórico, ou seja, como “inveramento” da síntese a priori kantiana e do universal concreto hegeliano. Sua filosofia critica retoma o conceito de dialética hegeliano, dividindo-o em dialética dos distintos, e dialética dos opostos.

A história é, para ele, portanto, sempre um devir a que o homem confere sentido, através do juízo que é sempre um juízo de distinção. Na história, o homem exercita o seu objetivo na concreta e prática luta cotidiana para a afirmação da liberdade sobre o perseguido e imperecível negativo, naquele eterno círculo de teoria e práxis de que é constituída a nossa vida. A vida é história, e não histórica.

Em *Ultimi Saggi* (Croce, 1963), Croce afronta uma questão fundamental na obra gramsciana, de um outro ponto de vista, que é a crise da *civiltà* daqueles anos e irá enxergar na poesia, na arte, um dos fatores fundamentais de civilização, de defesa, contra a viquiana (segundo a obra de Vico) barbárie retornada.

Já para Gramsci, não havendo um movimento espontâneo que transforme o mundo, a história carece de forças e sujeitos que se definam sobre o terreno das superestruturas, entrelaçando interesses econômicos e orientações políticas e ideológicas. É o movimento de agrupar-se e reagrupar-se com seus interesses e culturas que transforma a história. E é somente a partir do movimento desses sujeitos que se pode compreender o momento da crise.

Segundo Gramsci, a crise é a mudança morfológica das forças que organizam e guiam o crescimento civil em uma determinada formação social. Traz consigo a possibilidade do desenvolvimento posterior que uma formação social tem em seu seio, com a potência criativa dos sujeitos agregando-se e orientando os vários reagrupamentos sociais, o que possibilita o confronto de classes antagônicas no capitalismo avançado.

A conquista hegemônica de uma classe representa a transformação, a construção de uma nova sociedade, de uma nova estrutura econômica, de uma nova organização

política e, também, de uma nova orientação ideológica e cultural. Tem conseqüências no nível material, da economia, da política, da moral, do conhecimento e da filosofia. E, para isso se faz fundamental uma reforma intelectual e moral, pois sem ela não se mantém a transformação.

A reforma intelectual e moral torna-se fundamental pois o progresso intelectual das massas é essencial para a formação de um bloco intelectual e moral capaz de guiar o proletariado no sentido de assumir uma função dirigente e construir novas relações políticas, estatais e culturais. Para tanto, é necessário que a classe tenha uma concepção de mundo homogênea e autônoma, e consiga levar a cabo a transformação do mundo material, a construção de uma nova sociedade.

Reforma intelectual e moral, em Gramsci, não se separa de transformação material. Torna-se fundamental entender esse conceito para não correr o risco de cair no idealismo. Transformar a sociedade intelectual e moralmente, implica transformá-la materialmente.

Benedetto Croce não elaborou o conceito de Estado com a dupla perspectiva que Gramsci elaborou, como sociedade civil (consenso) + sociedade política (coerção), mas apreende a importância do consenso no exercício do governo. Isso pode ser constatado em sua compreensão da história e do papel autônomo que atribui à cultura.

Croce analisa que a hegemonia da classe dominante encontrava-se fragilizada sob o apoio único e exclusivo da força coercitiva, por isso aponta a importância da cultura. Tornava-se imperativo que a classe dominante voltasse a sua atenção sobre a organização do consenso. A esfera que se apresenta como instrumento do consenso, é a cultura.

Croce recupera assim, o momento cultural, tão desprezado pelos marxistas dogmáticos, sugerindo-o como alternativa para a manutenção da ordem hegemônica. Através da articulação idealista da cultura, a classe dominante consegue promover uma recuperação para superar a crise que poderia levar ao fim do capitalismo, através da superestrutura.

Separava, porém, com sua visão idealista, a “alta cultura” e a “cultura popular”. Sua teoria da política-paixão, não admite que as massas possam desenvolver as condições necessárias para participar da direção social, pois acredita que as massas não conseguem se organizar em torno de um objetivo, pois impera nelas as inclinações das paixões. Retornam sempre aos seus interesses pessoais em detrimento dos objetivos coletivos.

Os intelectuais, para Croce, são interventores desapaixonados e, portanto, os únicos capazes de transformar uma ação apaixonada em uma ação racional. O intelectual tradicional é o árbitro responsável por promover, no campo cultural, as transformações históricas. Tem uma visão elitista do intelectual, formado pela “alta cultura”.

Gramsci percebia na figura de Croce um novo tipo de intelectual, que não se encaixava apenas nas características de um intelectual tradicional mas, na de um intelectual orgânico, ou seja, vinculado aos interesses da classe dominante. Suas obras e ações enquanto senador e, posteriormente, ministro da educação, endereçam a concepção de mundo filosófica à classe dominante, e a concepção religiosa à massa. Para a massa trabalhadora caberia apenas uma educação de tipo “religiosa”, tornando sua visão de mundo desvinculada do concreto e suscetível de submeter-se a outras concepções. À classe dominante caberia uma educação imanente, propiciando a possibilidade de dominar as situações sociais que lhes beneficia. A concepção croceana de uma elite intelectual como dirigente, é tributária do Iluminismo, embora demonstre, na realidade, o seu romantismo, já que não há no seu ideal de emancipação do homem, a pretensão de desenvolver uma verdadeira “civiltà” mas, apenas, ratificar a contradição da miséria humana. Perpetuam-se assim, as condições históricas que permitem a divisão da sociedade entre governantes e governados.

Dentro da tradição idealista, Croce tem uma perspectiva justificadora da realidade. Para o idealismo, o devir histórico se desenvolve respeitando as conexões lógicas que permitem que o espírito tome consciência de si, em si mesmo.

Ao examinar o revisionismo idealista e o revisionismo dogmático, Gramsci formula a estratégia que a classe operária deve utilizar no âmbito da correlação de forças com a classe dominante, visando os pontos fracos do adversário para superá-los.

Gramsci retira da obra de Croce (principalmente, em *Ultimi Saggi*, 1963) a idéia da organização do consenso. E a esfera que se apresenta como instrumento do consenso, é a cultura.

Gramsci identifica, ao criticar a postura de B. Croce, que sua obra filosófico-política superestima o papel da cultura, já que afirma a sua autonomia. Os revisionistas dogmáticos do marxismo, por sua vez, subestimam a posição desempenhada pela cultura.

Portanto, o caminho estratégico encontrado por Gramsci é o de retomar a práxis, consciente do papel da cultura na transformação material do sistema capitalista. E

desenvolve sua teoria do Partido, como o “Moderno príncipe”, para guiar as massas operárias na tomada de poder.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA PRIMÁRIA

- CROCE, B. , *Contributo alla critica di me stesso*, Milano, Adelphi, 1989.
- \_\_\_\_\_ *Controversie sulla storia (1891-1893)*, Napoli, Unicopli, 1993.
- \_\_\_\_\_ *Cultura e vita morale, Napoli – Bibliopolis*, 1993.
- \_\_\_\_\_ *Estética*, Milano, Adelphi , 2005.
- \_\_\_\_\_ *Etica e politica*, Milano, Adelphi, 1994.
- \_\_\_\_\_ *Filosofia della pratica. Economica ed etica (2 vol.)*, Napoli, Bibliopolis, 1996.
- \_\_\_\_\_ *Filosofia e storiografia*, Napoli – Bibliopolis, 2005.
- \_\_\_\_\_ *Filosofia poesia história*, Milão - Napoli, Ricciardi, 1951.
- \_\_\_\_\_ *Indagini su Hegel e schiarimenti filosofici*, Napoli– Bibliopolis, 1996.
- \_\_\_\_\_ *La storia come pensiero e come azione* , Napoli– Bibliopolis, 2002.
- \_\_\_\_\_ *Materialismo Storico ed economia marxista ( 2 Vol.)*, Bari – Laterza, 196
- \_\_\_\_\_ *Nuovi Saggi di Estetica*, Bari, Laterza, 1948.
- \_\_\_\_\_ *Saggi sullo Hegel (2 vol.)* , Napoli, Bibliopolis, 2006.
- \_\_\_\_\_ *Storia d'Italia. Dal 1871 al 1915* , Napoli– Bibliopolis, 2004.
- \_\_\_\_\_ *Storia d'Europa no século XIX*, Laterza, Bari, 1965.
- \_\_\_\_\_ *Teoria e storia della storiografia*, Milano, Adelphi, 2001.
- \_\_\_\_\_ *Ultimi Saggi*, Bari, Laterza, 1963.
- GRAMSC\_I, A., *Lettere del carcere*. Introduzione di Antonio A Santucci, Palermo, Sellerio Ed.,1996.
- \_\_\_\_\_ *L'Ordine Nuovo – Torino*, Einaudi Ed., 1987.
- \_\_\_\_\_ *Quaderni del carcere*. A cura di Valentino Gerratana – 2ª Ed., Torino, Ed. Einaudi, 1975.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA COMPLEMENTAR

- BOBBIO, N., *Perfil Ideológico del Siglo XX in Italia – Breviários del Fondo de Cultura Económica*, México, Fondo de cultura económica, 1989.
- BONETTI, P., *L'etica di Croce*, Roma - Bari, Laterza, 1991.
- \_\_\_\_\_ *Introduzione a Croce*, Roma-Bari, Laterza, 1989.

- BOSI, A., A estética de Benedetto Croce: um pensamento de distinções e mediações in *Breviário de Estética, Aesthetica in nuce*, São Paulo, Ática, 1997.
- CASTELLANO, g., *Benedetto Croce: il filosofo, il critico, lo storico*, @ Ed., Bari, Laterza & Figli, 2006.
- CAVALIERI, R. V., Lo storicismo umanistico-liberale di Croce in *Colloqui*, ESI, Napoli, fasc. 1- 2, 2002.
- CILIBERTO, M. *Figure in chiaroscuro*, Roma, Edizione di Storia e Letterature, 2001.
- CINGARI, S. *Alle origini del pensiero "civile" di Benedetto Croce*, Napoli, Editoriale Scientifico, 2002.
- COTRONEO, G., *Croce e l'Illuminismo*, Napoli, Giannini, 1970.
- FROSINI, F. *Saggio sui Quaderni del carcere*, Roma, Carocci Editore, 2003.
- GARIN, E., *Cronache di filosofia italiana 1900-1943*, Bari, Laterza, 1966.
- JANNAZZO, A., *Croce e il comunismo*, Napoli, ESI, 1982.
- MASTROIANNI, G. – *Da Croce a Gramsci*, Urbino, 1972.
- MONTANARI, M. *Politica e Storia – Saggi sul Vico, Croce e Gramsci*, Bari, Publierre Edizioni, 2207.
- \_\_\_\_\_ *Saggio sulla filosofia politica di Benedetto Croce*, Milano, Franco Angeli Libri, 1987.
- PAOLOZZI, E., *Benedetto Croce. Logica del reale e il dovere della libertà*, Napoli, Cassitto, 1998.
- \_\_\_\_\_ *Il liberalismo come metodo*, Roma, Fondazione Einaudi, 1995.
- PARENTE, A., *Croce per lumi sparsi*, Firenze, La nuova Italia, 1975.
- PONS, S. *Novecento italiano*, Roma, Carocci Editori, 2000.
- RICCI, A., CESAR, G., ROHDEN, V., *Benedetto Croce*, Porto Alegre, Edições da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1966.